

A dimensão trágica da escolha do sujeito

ALBA ABREU LIMA

introdução

O que a psicanálise tem a aprender com a tragédia grega?

Considerando que a tragédia clássica empresta seu cenário às diversas áreas das ciências humanas, constituindo-se como campo de produção teórica, pois, por meio dela, faz-se uma análise dos significados sobre a história da família e da condição humana. Também a psicanálise ressalta o destino do herói trágico e seus avatares. Freud, em sua obra, faz inúmeras referências à tragédia e oferece um novo modelo de funcionamento psíquico a partir do mito de Édipo, uma tragédia da decifração.

Lacan, no *Seminário sobre a Ética*, indica a tragédia como paradigma do desejo humano como desejo do Outro e a dimensão ética da escolha do sujeito: “agiste conforme o desejo que te habita?”¹ Ele articula o destino do herói trágico à experiência da ação humana na busca incessante do desejo inatingível.

¹ Lacan. *O Seminário*, livro 7, *a ética da psicanálise*, (1988, p. 376).

trágico e história da tragédia

A tragédia emergiu numa condição política, social, cultural e religiosa específica no século V a.C. e manteve sua presença até o declínio da antiga cultura greco-romana. A concepção de tragédia conhecida em nossa cultura é a da *Poética* de Aristóteles (2000), que aponta os dois conceitos que definem o gênero: a mimese, imitação da palavra e do gesto, despertando no público piedade e temor; e a catarse, efeito que proporciona o alívio dos sentimentos. A tragédia apresenta sua verve pedagógica quando busca o retorno ao equilíbrio, passando da *hybris*, ou seja, desordem, à recuperação da ordem, *nêmesis*, equilíbrio. Para tanto, é necessário o sacrifício do herói, denunciando a fragilidade humana frente ao acaso.²

Durante o período medieval houve um hiato: o gênero trágico desapareceu por força do contexto religioso dominante da época, que concedia a Deus o poder de punir e decidir os desígnios dos homens. Poucos documentos datam daquela época.³

² Ver o trabalho de Moisés de Andrade Júnior na *Stylus* nº 13

³ Gumbrecht. *Os Lugares da Tragédia*, 2001.

Na Renascença, ressurgiu na cultura de culto ao indivíduo o direito às expressões de sentimentos humanos. É nessa atmosfera que Shakespeare põe em cena sua tragédia: *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, traduzindo o ícone do homem moderno:

“Que obra prima é o homem! Como é nobre em sua razão! Como é infinito em faculdades! Em forma e movimentos, como é expressivo e maravilhoso! Nas ações, como se parece com um anjo! Na inteligência, como se parece com um deus!”⁴

⁴ Shakespeare. *Hamlet*, (2003, p. 47).

Hamlet é uma das mais importantes tragédias da vingança; vingança no sentido de justiça, busca da verdade, de um veredicto. Por outro lado, é também denominada tragédia da inteligência porque seu herói é o mais intelectual dos personagens shakespearianos. A psicanálise a toma como tragédia do desejo, à qual Lacan dedica parte do *Seminário 6: O desejo e sua interpretação*.⁵

⁵ Lacan. *Hamlet por Lacan*, 1986.

No Século de Ouro espanhol, a tragédia foi cultivada por grandes figuras da literatura, como Pedro Calderón de la Barca (2004), que escreveu *La vida es sueño*. O texto é considerado a obra-prima do teatro espanhol do século XVII, exemplo por excelência do teatro barroco, toma por núcleo temático a fugacidade e o ilusório da vida, ligando-o ao problema do livre arbítrio e dos bens transitórios na existência humana. É considerada a versão cristã do Édipo⁶, no sentido em que o herói trágico é portador de um destino adverso destrutivo aos outros e a si mesmo, que o faz desaparecer para que não se cumpra o vaticínio.

⁶ Szondi. *Ensaio sobre o trágico*, 2004.

A peça trata da vida do príncipe polonês Sigismund, trancado numa masmorra por seu pai, o rei Basílio, logo após o nascimento. O rei teme a predição dos astros, a de que seu filho o humilharia e seria imprudente se subisse ao trono. Submetido aos rigores da prisão e da solidão, o príncipe se torna um selvagem – homem e fera ao mesmo tempo, para pagar o pecado de ter causado a morte da mãe que não sobreviveu ao parto.

Comparando as duas tragédias – a de Sófocles e a de Calderón –, verificamos que os reis Laio e Basílio não conseguem ver o futuro e nem evitar o destino. Na obra espanhola, o incesto

edípico é substituído pela morte da mãe, causada pelo herói no nascimento, o assassinato do pai é substituído por uma insurreição militar e a profecia se dá por meio de duas fontes: o sonho profetizado da rainha e o saber astrológico do rei. No caso de Édipo, o oráculo se cumpre e, em Sigismund, o herói vence o destino pela via da mulher que representa o amor e a compreensão de que a vida é transitória como um sonho.

É no século XIX que o termo trágico adquire, depois de Ibsen, Strindberg e Tchekhov, que escreveram peças em prosa com temas mais adaptados às inquietações contemporâneas (norte da Europa no século XIX), um sentido generalizado, fora de sua ligação a uma forma literária, para designar simplesmente a condição humana.

literatura e psicanálise

A pergunta oracular da tragédia grega – o que meu deus me reserva como destino? – remete à questão do texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo* – o que o Outro quer de mim? – Indagação explicada por Lacan (1998) ao se referir às implicações que o inconsciente freudiano tem para com o sujeito, nesse apólogo um pouco exagerado:

“Mas outra coisa é aquilo de que se trata em Freud, que é efetivamente um saber, mas um saber que não comporta o menor conhecimento, já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia.”⁷

Na literatura, a tragédia estabelece uma tensão entre o herói e a palavra enigmática dos deuses. Por sua vez, a psicanálise demonstra que a tensão deriva da definição do sujeito, pelas articulações significantes.

Articular literatura e psicanálise é o que faz Ricardo Piglia

⁷ Lacan. *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/1998, p. 818)

(1999) em *Los sujetos tragicos*. Ele propõe a psicanálise como uma das formas mais atrativas da cultura contemporânea porque revela uma épica da subjetividade numa versão violenta e obscura do passado pessoal. O atrativo seria baseado na aspiração a uma vida intensa porque, no âmago do nosso ser, é o que Freud revela em *Romances Familiares* (1977), experimentamos um grande drama - desejo de sacrificar nossos pais, como Hamlet, ou de ser o filho abandonado de reis, como Segismundo. Ou seja, um lugar onde somos sujeitos extraordinários, heróis trágicos.

Dizer que o sujeito é trágico não é dizer que tudo está determinado desde antes, mas a rota que ele escolhe para se salvar da ruína pode tornar-se seu aniquilamento. O herói grego realiza seu desejo como desejo do Outro e aceita a responsabilidade de avançar até a queda final. A escolha o conduz até às últimas consequências: a imolação do herói é o preço pago para a preservação dos valores da comunidade.

Na lógica da psicanálise, desejar é buscar o que se perdeu na operação da castração, significa dizer que, quando se escolhe a alienação significante, a história geracional, perde-se uma parte do seu próprio ser que é irrecuperável. É o modo como o sujeito entra na tragédia ao optar pela cadeia significante, passando a ser mortal, ou 'ser-para-a-morte'.⁸ No drama da passagem de vivente biológico para a existência simbólica não há nada senão vida conjugada com morte: essa é a dialética freudiana. A separação do objeto materno é sempre vivida como uma morte, desamparo.

Freud construiu, a partir das tragédias de Sófocles e Shakespeare, metáforas clínicas da existência humana e "se em cada um de nós há a via traçada para um herói, é como homem comum que ele a efetiva", diz Lacan.⁹

Cada romance familiar carrega o enredo de uma trama onde o sujeito simboliza seu encontro com o real. O vazio central tem nome de castração e as modalidades subjetivas são as escolhas que o sujeito faz no confronto com a falta. Com sorte, o sintoma aparece como uma invenção metaforizada para fazer borda ao vazio e permitir ao sujeito um ordenamento do desejo contido na fantasia.

Na tragédia clássica, o romance familiar do herói revela no final que o personagem familiar era, desde o início, o inimigo. Isso significa dizer que o inimigo que ele tanto procura está no

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*, p. 383.

interior dele mesmo, como nas palavras de Édipo: “Ah! Citéron! Por que tu me acolheste um dia? Por que não me mataste? Assim eu não teria mostrado aos homens todos quem eu sou!”¹⁰

¹⁰ Sófocles. *Édipo Rei* (2001, p. 90).

Nada mais trágico para o sujeito desvendar o mais terrificante que provém de si mesmo, de sua própria profundidade. O Rei Édipo procura os assassinos de Laio temendo que eles se tornem seus próprios assassinos e só encontra a si mesmo.

O que Freud descreve como recalque é o que faz de Édipo um herói tanto psicanalítico como trágico, diz Rosset (1989) em *A lógica do pior*, porque o herói interroga uma exterioridade acerca de um tema que não concerne senão à interioridade. Rosset afirma:

“O mecanismo do recalque tem esse efeito de reunir o estranho e o familiar. É a noção moderna para designar o mecanismo dos trágicos gregos, exclusivo de toda força exterior ao homem – tal como a idéia de destino – afirmador de uma força interior e silenciosa, capaz de todos os terrores e todas as alegrias acessíveis àquele que dela está investido.”¹¹

¹¹ Rosset. *A lógica do pior* (1989, p. 71)

De tudo que está próximo do homem, nada é tão temível como o recalcado desconhecido, agitando-se dentro dele. A psicanálise interroga esse mecanismo excluído da consciência, mas que dispõe de energia para se manifestar inesperadamente e, por isso, aterrorizar.

Querer saber sobre o enigma do desejo, essa é a proposição que move Édipo e os sujeitos em análise. Em análise, o sujeito apreende algo de seu aparelhamento simbólico, a partir do deciframento do enigma que condicionava seu destino, para contornar e decidir, talvez por um novo caminho.

a dimensão trágica na clínica

Na neurose, trata-se de uma construção singular do muro contra o gozo a que o analista só tem acesso aos pedaços, verificando os caminhos da formação dos sintomas e o material ao qual o sujeito recorreu para engajar seu desejo na fantasia.

E como operar com o sujeito psicótico se as manifestações e circunstâncias de sua história não se abrem a uma dialética ou a uma interrogação sobre o enigma de seu destino?

Lucas, um analisante de longa data, se pergunta: “e se eu tivesse morrido naquele acidente aos três anos? Não seria quem sou hoje, marcado pela falta de personalidade, sem me reconhecer no que faço e sem saber pra onde vou”. Em virtude do atropelamento sofrido, ainda no hospital, demanda ao pai contra seu atropelador: ‘mata ele pai!’ E essa frase lhe retorna em todos os delírios. A partir de então, passa a ser o filhinho da mamãe, o doentinho, carente de cuidados e atenções. Não se sente mais uma criança como as outras, considera-se feminino e passivo no trato com as mulheres e um fraco diante dos homens.

Sua primeira crise foi desencadeada a partir de uma amizade com uma professora, ainda no ensino médio, que o escutava e aconselhava. Após um período de muita proximidade, inclusive freqüentando sua casa, a professora recebe um telefonema de ameaça cujo conteúdo é de que ela seria “aliciadora de menores”. O insulto dirigido à professora tem um peso fatal para Lucas, pois é disso que ele foi acusado e castigado quando, ainda púber, divertia-se com as primas mais velhas (que o denunciavam) em jogos sexuais. Esse telefonema, que Lucas acredita ter sido de sua mãe, é o fator determinante no desencadeamento e inicia daí a terapia medicamentosa. Ele pede à professora (mesma profissão que sua mãe): “Rosa, me segure que estou indo em direção à perda do meu eu, de minha personalidade”. Relata que foi quando sua cabeça “apagou, ficou leve, não tinha mais nada dentro”. Nas crises seguintes, está sempre hipnotizado pelo outro que guia suas ações, insulta, inferniza sua vida e o pune com a angústia.

Segundo Lacan¹², o neurótico tem a escolha ética de alienação na cadeia significante, de perda do objeto e conseqüentemente a sentença de morte que paira sob sua cabeça. Após um percurso de análise, ainda pode decidir abandonar seu posto de herói, aquele da dimensão trágica da vida, para simplesmente ser feliz no acaso. Porém, fatalista seria o psicótico, visto que de sua posição de objeto não cabem as dúvidas neuróticas: dormir, sonhar ou morrer?¹³

No fatalismo há a crença, certeza do destino: o futuro de todo ser humano está predestinado e é imutável, fixado, sem

¹² Lacan. *Televisão* (1973/1993).

¹³ São as palavras que expressam a dúvida de Hamlet em relação ao mundo: “Ser ou não ser, eis a questão! Que é mais nobre para a alma: sofrer os dardos e setas de um destino cruel, ou pegar em armas contra um mar de calamidades para pôr-lhes fim, resistindo? Morrer...dormir; nada mais! E como o sono, dizem, terminamos o pesar do coração e os inúmeros naturais conflitos que constituem a herança de carne! Que fim poderia ser mais devotamente desejado? Morrer... Dormir!...Talvez sonhar!” (Shakespeare, 2003, p.56)

possibilidade de alteração. Como Lucas, condenado em seu destino: aos três anos ‘perdeu a personalidade’ e não há uma mudança possível. Qual seria o dito oracular que condiciona o destino trágico de Lucas? Ser o menino bonzinho que aceita ser objeto passivo de todos, na escola, nas rodas de amigos, na profissão?

No entanto, é a psicanálise que ainda pode estabilizar sua posição diante do mundo estranho que o apavora:

“Antes de começar a análise com você eu tinha uma angústia enorme, mesmo com o analista anterior. Você me deu uma solidez para ficar de frente para a vida. Agora não me afundo, tenho um controle maior, não existe mais aquela fuga total dos pensamentos, só uns brancos de vez em quando... Fico oscilando entre o que sou e o que esperam de mim, mas já não tenho aquela angústia que a saída era a morte! É claro que ainda me sinto inadequado – tendo de tomar remédios e sendo um profissional que não pode exercer seu trabalho por problemas emocionais”.

Qual a escolha do analista no trabalho com a psicose, sobretudo ainda quando o paciente não tem o recurso da construção delirante da paranóia? Aprender com a literatura, buscando um sentido oracular do drama trágico do psicótico, para que novos circuitos da palavra possam se dar até mesmo fora da amarração simbólica. Pode ser uma aposta.

referências bibliográficas

- ANDRADE JR. Moisés. A Moira em psicanálise: gozo, repetição e desejo do analista em ato. In: Stylus 13. RJ: Contracapa, 2006.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Coleção Os pensadores. SP: Nova cultural, 2000.
- CALDERÓN DE LA BARCA, P. *La vida es sueño*. Buenos Aires: Longseller, 2004.
- FREUD, Sigmund. Romances Familiares (1909[1908]), in: ESB, volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GUMBRECHT, Hans Ulric. Os Lugares da Tragédia. Trad: Pereira, L. Fin: Rosenfeld, Denis (ed) *Filosofia e Literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- LACAN, J. O Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*. RJ: Zahar, 1988.
- LACAN, J. *Televisão* (1973) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- _____. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960), in: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. *Hamlet por Lacan*. São Paulo: Escuta, 1986.
- PIGLIA, Ricardo. Los sujetos trágicos in: *Formas breves*. Buenos Aires: Temas Grupo Editorial, 1999.
- ROSENFELD, Denis (ed). *Filosofia e Literatura: o trágico*. Trad Pereira, L. F. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- ROSSET, C. *Lógica do pior*. Trad. FJF Ribeiro e Ivana Bentes. RJ: Espaço tempo, 1989.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. SP: Martin Claret, 2003.
- SÓFOCLES. *A trilogia tebana*. Trad: Mário da Gama Kury. RJ: Jorge Zahar, 2001.
- SZONDI, P. *Ensaio sobre o trágico* RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.

resumo

Pretende-se, no artigo, discorrer sobre o conceito literário da tragédia, enfatizando sua relação com a psicanálise, seguindo os passos de Freud, que utilizou-se do gênero literário para formalizar sua tese do desejo inconsciente. Partindo do estudo da tragédia e do trágico, a reflexão está centrada na clínica psicanalítica, constatando em Lacan a dimensão trágica da escolha forçada do sujeito neurótico pela cadeia significante e a fatalidade da abolição da dialética no psicótico, ilustrada no recorte clínico.

palavras-chave

psicanálise, literatura, tragédia, neurose,
psicose.

abstract

It is intended in the article, to discuss the literary concept of tragedy, emphasizing its articulation with the Psychoanalysis, following Freud steps, which used the literary gender to formalize his thesis about the unconscious desire. Based on the study of tragedy and tragic, the reflection is focused on psychoanalytic clinic, noting Lacan in a the tragic dimension of the forced choice made by the neurotic in the significant chain and the fatality of the dialectics abolition on the psychotic, illustrated in the crop clinical case.

key words

psychoanalysis, literature, neurosis, psychosis.

recebido

28/09/2007

aprovado

25/10/2007